



PREFEITURA DA ESTÂNCIA HIDROMINERAL DE POÁ

PROCESSO SELETIVO

030. PROVA OBJETIVA

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA II – HISTÓRIA

- ◆ Você recebeu sua folha de respostas e este caderno contendo 60 questões objetivas.
- ◆ Confira seu nome e número de inscrição impressos na capa deste caderno e na folha de respostas.
- ◆ Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições. Caso haja algum problema, informe ao fiscal da sala.
- ◆ Leia cuidadosamente todas as questões e escolha a resposta que você considera correta.
- ◆ Marque, na folha de respostas, com caneta de tinta azul ou preta, a letra correspondente à alternativa que você escolheu.
- ◆ A duração da prova é de 3 horas e 30 minutos, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas.
- ◆ Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridos 75% do tempo de duração da prova.
- ◆ Deverão permanecer em cada uma das salas de prova os 3 últimos candidatos, até que o último deles entregue sua prova, assinando termo respectivo.
- ◆ Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de respostas e este caderno, podendo levar apenas o rascunho de gabarito, localizado em sua carteira, para futura conferência.
- ◆ Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

AGUARDE A ORDEM DO FISCAL PARA ABRIR ESTE CADERNO DE QUESTÕES.

CONHECIMENTOS GERAIS

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto para responder às questões de números **01** a **08**.

O barulho é um som de valor negativo, uma agressão ao silêncio ou simplesmente à tranquilidade necessária ao bem comum. Causa um incômodo àquele que o percebe como um entrave a seu sentimento de liberdade e a seu direito de repousar e desfrutar sossegadamente de seu espaço.

Nossas cidades são particularmente vulneráveis às agressões sonoras. O barulho se propaga e atravessa grandes distâncias. As operações de liquidação do silêncio abundam. Não são deliberadas, mas agregam os barulhos do meio urbano; sítiam os lugares ainda preservados, incultos, abandonados à pura gratuidade da meditação e do silêncio. A modernidade assinala uma tentativa difusa de saturação do espaço e do tempo por uma emissão sonora sem fim. Sendo uma zona não explorada, o silêncio provoca uma reação de preenchimento, de animação, que tem por intuito dissolver a provocação do “inútil” por ele acobertada. Pois, *aos olhos de* uma lógica produtiva e comercial, o silêncio não serve para nada, ocupa um tempo e um espaço que poderiam se beneficiar de um uso mais rentável. Para a modernidade, o silêncio é um resíduo à espera de utilização mais lucrativa, um terreno baldio no centro da cidade, uma espécie de desafio ao imperativo de torná-lo mais rentável e, enquanto isso não acontece, o silêncio é pura perda.

O contexto barulhento de nossas sociedades induz a uma irritação crescente com o barulho. Centenas de pessoas que gostam de caminhar na natureza deixam as cidades *em busca de paz*, de silêncio, de conversas, de descobertas, de lentidão. Querem deixar para trás o barulho e os ritmos que lhes são impostos na vida atual, encontrando, por fim, o apaziguamento e a interioridade.

(O Estado de S. Paulo, Caderno Aliás, 02.06.2013. Adaptado)

01. De acordo com o texto, nas cidades modernas, o barulho

- (A) concorre com o silêncio em direcionar as pessoas, ora ao entretenimento, ora ao descanso.
- (B) apodera-se cada vez mais dos lugares e confina o silêncio a espaços ainda livres de interferências.
- (C) integra os cidadãos em torno de um bem comum: os benefícios propiciados pela tecnologia.
- (D) auxilia as pessoas que precisam de um ambiente silencioso para praticar técnicas de meditação.
- (E) agrega valor às pessoas, que passam a usufruir do direito de se manifestarem livremente.

02. O silêncio provoca as sociedades modernas porque ele

- (A) disputa com a tecnologia a ocupação dos espaços urbanos.
- (B) contraria o ideal de uma vida voltada à simplicidade.
- (C) acentua a lógica produtivista e utilitária da atualidade.
- (D) confunde o cidadão, quanto aos benefícios da tecnologia.
- (E) impõe a todos um estilo de vida condizente com a modernidade.

03. As palavras em destaque em – Nossas cidades são particularmente **vulneráveis** às agressões sonoras./ A modernidade assinala uma tentativa **difusa** de saturação do espaço e do tempo por uma emissão sonora **sem fim**. – estão correta e respectivamente substituídas, quanto ao sentido, em:

- (A) refratárias, frustrada, interminável.
- (B) acessíveis, instantânea, irregular.
- (C) frágeis, indefinida, infundável.
- (D) imunes, espalhada, ininterrupta.
- (E) resistentes, insistente, ensurdecadora.

04. As expressões em destaque na frase – A situação causa incômodo **àqueles** que percebem **o barulho** como um entrave ao **sentimento de** liberdade. – estão corretamente substituídas, de acordo com a modalidade-padrão, em:

- (A) A situação causa incômodo aos que o percebem como um entrave ao direito à liberdade.
- (B) A situação causa incômodo os que percebem-no como um entrave ao direito a liberdade.
- (C) A situação causa incômodo aos quais percebem-lhe como um entrave ao direito a liberdade.
- (D) A situação causa incômodo aos que percebem-o como um entrave ao direito à liberdade.
- (E) A situação causa incômodo aos que lhe percebem como um entrave ao direito a liberdade.

05. As locuções prepositivas **aos olhos de** e **em busca de**, em destaque no texto, têm, no contexto, respectivamente, o sentido de:

- (A) sob, de encontro à.
- (B) a respeito de, à mercê de.
- (C) na opinião de, à custa de.
- (D) desde, em direção à.
- (E) de acordo com, à procura de.

06. As lacunas da frase – O barulho e os ritmos das cidades modernas _____ as pessoas a buscar a natureza, onde o silêncio, as descobertas, a lentidão, tudo _____ a paz: condição ideal para que elas _____ a interioridade. – serão, correta e respectivamente preenchidas, com

- (A) instigam ... refletem ... vislumbram
- (B) instiga ... refletem ... vislumbram
- (C) instigam ... reflete ... vislumbrem
- (D) instigam ... refletem ... vislumbre
- (E) instiga ... reflete ... vislumbra

07. Na frase – O silêncio é um terreno baldio no centro da cidade. – observa-se emprego de linguagem figurada, o que se repete em:

- (A) A vítima do barulho é obrigada a recuar até suas últimas trincheiras, e o barulho se impõe como forma de violência.
- (B) O barulho tem efeito destrutivo, tanto no interior do apartamento, como no meio da rua e chega a causar doenças.
- (C) As pessoas com frequência se mobilizam contra projetos envolvendo a construção de estradas, aeroportos, shopping center, tudo que prejudique a audição.
- (D) O desenvolvimento do barulho se agravou com o surgimento da sociedade industrial e intensifica-se cada vez mais.
- (E) As pessoas isolam acusticamente os apartamentos, os escritórios, os ateliês; não se tolera mais que o motor do carro, do avião atrapalhe as conversas.

Leia o trecho da canção *Casa no campo*, de Zé Rodrix e Tavito, para responder às questões de números 08 e 09.

*Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa ficar do tamanho da paz
E tenha somente a certeza
Dos limites do corpo e nada mais.
Eu quero carneiros e cabras pastando,
Solenes no meu jardim,
Eu quero o silêncio das línguas cansadas,
(...)*

08. De acordo com o sentido do último parágrafo do texto e o trecho da canção,

- (A) a vida urbana manifesta-se agressivamente, mas as pessoas ainda preferem viver nas cidades.
- (B) a busca por um estilo de vida moderno mobiliza todos a viver de acordo com a tecnologia.
- (C) o convívio com a natureza tornou-se um ideal longínquo aos que se acostumaram às cidades.
- (D) o silêncio é um bem almejado por todos os que valorizam um estado de bem-estar interior.
- (E) os ruídos nas áreas citadinas são alternados com os ruídos comuns à natureza campestre.

09. Se alterados os versos em destaque, obtém-se versão correta em:

- (A) Eu quero uma casa no campo/ Que eu pudesse ficar do tamanho da paz
- (B) Eu queria uma casa no campo/ De onde eu puder ficar do tamanho da paz
- (C) Eu quero uma casa no campo/ Aonde eu pudesse ficar do tamanho da paz
- (D) Eu quisera uma casa no campo/ Na qual eu puder ficar do tamanho da paz
- (E) Eu queria uma casa no campo/ Em que eu pudesse ficar do tamanho da paz

10. Assinale a alternativa que completa corretamente, quanto à pontuação, a frase de Rubem Braga: – “Vizinho, ouvi música na tua casa. Aqui estou.” E o outro

- (A) respondesse – “ Entra, vizinho, e come de meu pão, e bebe de meu vinho.”
- (B) respondesse: – “ Entra vizinho e, come de meu pão e bebe de meu vinho.”
- (C) respondesse – “ Entra, vizinho e come de meu pão e bebe, de meu vinho.”
- (D) respondesse: – “ Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho.”
- (E) respondesse: – “ Entra vizinho, e come, de meu pão e, bebe de meu vinho.”

11. Madalena Freire afirma que todo educador precisa criar espaços sistematizados de acompanhamento, com intervenções e encaminhamentos. Espaço onde o educador entra em contato com seu processo criador em outras linguagens – verbal e não verbal, apurando seu ser-sensível. Espaço de desvelar/ampliar seus referenciais pessoais e culturais, para exercitar também a organização, a sistematização e a apropriação de seu pensamento. Para a autora, tais espaços compreendem a prática
- (A) reflexiva sobre ação pedagógica.
 - (B) alfabetizadora.
 - (C) estética.
 - (D) teórica.
 - (E) lógica espacial.
12. Castro e Regattieri afirmam que a relação entre escola e família está presente, de forma compulsória, desde o momento em que a criança é matriculada no estabelecimento de ensino. De maneira direta ou indireta, essa relação continua viva e atuante na intimidade da sala de aula. Afirmam ainda que no mundo familiar as crianças são filhos; no mundo escolar elas são alunos. A passagem de filho a aluno não é uma operação automática e, dependendo da distância entre o universo familiar e o escolar, ela pode ser traumática. Assim, segundo as autoras, a interação escola-família
- (A) implica em a família não ter um papel educacional definido a partir de um contexto sociocultural específico.
 - (B) está pautada no reconhecimento de que a família e a escola têm papéis diferentes que se opõem, produzindo exclusão ou superposição.
 - (C) deverá ser estabelecida principalmente pela família, a quem compete assumir a aproximação, uma vez que a escola deve se preocupar com as questões pedagógicas.
 - (D) fundamenta-se na premissa de que escola é um espaço de transmissão do conhecimento, da cultura e de socialização, e a família, de construção de identidade.
 - (E) baseia-se na ideia de reciprocidade e de influência mútua, considerando as especificidades e mesmo as assimetrias existentes nessa relação.
13. Segundo Edgar Morin, os paradigmas que controlam a ciência podem desenvolver ilusões, e nenhuma teoria científica está imune para sempre contra o erro. Além disso, o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos. Nesse sentido, cabe à educação
- (A) dedicar-se à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras.
 - (B) resolver cientificamente, os erros e as ilusões.
 - (C) sistematizar os erros epistemológicos e filosóficos.
 - (D) desenvolver um plano de ação para evitar os erros.
 - (E) constatar a veracidade do conhecimento tido como verdade definitiva.
14. Para Edgar Morin, a compreensão tornou-se crucial para o ser humano e, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro. Para o autor, existem duas formas de compreensão humana: a intelectual ou objetiva e a intersubjetiva. Para o autor, a compreensão intelectual
- (A) é um processo de empatia, de identificação e de projeção.
 - (B) está diretamente relacionada ao processo de respeito ao planeta e ao homem.
 - (C) é garantida pelo processo de comunicação.
 - (D) passa pela inteligibilidade e pela explicação.
 - (E) abrange o conjunto de ideias, significados e emoções do sujeito.
15. Segundo Terezinha Rios, a ética se apresenta como reflexão crítica sobre a moralidade, sobre a dimensão moral do comportamento do homem. Nesse sentido, cabe à ética
- (A) indicar o comportamento que deve ser considerado bom e mau.
 - (B) procurar o fundamento do valor que norteia o comportamento.
 - (C) aprovar ou reprovar o comportamento dos sujeitos como correto ou incorreto.
 - (D) determinar as relações estabelecidas socialmente pelos homens.
 - (E) um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos.
16. A Cidade Escola Aprendiz ao desenvolver o conceito de “Bairro Escola” se refere à construção de “trilhas educativas”, que são caminhos pedagógicos, percursos de aprendizagem nos quais campos diversos do conhecimento se organizam como contextos temáticos, integrando a escola à cidade. Assim, afirma que o estudante aprende melhor quando
- (A) torna significativa a informação ou os conhecimentos adquiridos.
 - (B) sistematiza tudo, principalmente os conteúdos aprendidos.
 - (C) brinca bastante e se diverte com jogos de estratégias.
 - (D) faz avaliação contemplando todos os conteúdos.
 - (E) elimina os conflitos considerando-os como situações indesejáveis.

17. Segundo o documento do Ministério da Educação sobre a escola comum inclusiva, a educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças. Nessa perspectiva, é correto afirmar que a educação inclusiva
- (A) refere-se a uma educação que garante o direito à diversidade e não à diferença, reafirmando o idêntico.
 - (B) considera a identidade normal como natural, generalizada e positiva em relação às demais.
 - (C) questiona a artificialidade das identidades normais e entende as diferenças como resultantes da multiplicidade e não da diversidade.
 - (D) adota uma concepção de identidade e diferenças, em que as relações entre ambas ordenam-se em torno de oposições binárias.
 - (E) ocorre na escola comum na medida em que ela se organiza pela pertinência de seus protagonistas aos critérios que a definem.
18. Segundo o documento do Ministério da Educação sobre a escola comum inclusiva, para atender a todos e atender melhor, a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, portanto
- (A) existem padrões que identificam os alunos como especiais e normais.
 - (B) existem currículos específicos para os alunos especiais.
 - (C) todos os trabalhos são próprios para os alunos especiais.
 - (D) existe o ensino diferenciado e a terminalidade específica dos níveis de ensino.
 - (E) todos se igualam pelas suas diferenças.
19. Jussara Hoffmann, em seus estudos acerca da avaliação mediadora, afirma que a ação mediadora do professor e a sua intervenção pedagógica desafiadora não podem, ao mesmo tempo, ser uniformes em todas as situações de tarefas dos alunos. Para a autora, uma avaliação mediadora consiste em
- (A) propor e corrigir provas e tarefas dos alunos para identificar as respostas corretas e erradas e dar retorno a eles.
 - (B) acompanhar o aluno no sentido de conhecê-lo melhor em situações de aprendizagem.
 - (C) garantir critérios de correção justos e precisos como forma de aferição dos conhecimentos adquiridos.
 - (D) considerar que todas as atividades desenvolvidas pelo aluno sejam elementos de comprovação do que ele realmente aprendeu.
 - (E) considerar que as atividades de avaliação correspondem à forma mais precisa para aprovar ou reprovar o aluno.
20. Segundo Cury, diferentemente dos outros direitos sociais, o direito à educação está diretamente vinculado à obrigatoriedade escolar; ele representa, ao mesmo tempo, uma conquista e uma concessão, um direito e uma obrigação. Desse modo, a educação como direito e sua efetivação em práticas sociais se convertem em
- (A) possibilidade de aproximação entre as pessoas pela afetividade.
 - (B) fortalecimento das classes sociais mais elevadas.
 - (C) mecanismo de segmentação da sociedade em letrados e analfabetos.
 - (D) instrumento de redução das desigualdades e das discriminações.
 - (E) possibilidade de distanciamento entre a pirâmide da distribuição da renda e da riqueza.
21. Perrenoud, ao abordar as competências para ensinar, afirma que a formação passa pelo conjunto do currículo e por uma prática reflexiva dos valores a inculcar. As intenções de formação confundem-se com as exigências da vida cotidiana. Para o autor, lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais na escola significa
- (A) tornar o presente tolerável e fecundo.
 - (B) preparar o futuro.
 - (C) fortalecer o tratamento burocrático dos espaços de trabalho.
 - (D) fortalecer o tratamento das relações sociais e das populações escolarizadas.
 - (E) discutir imediatamente incidentes críticos.
22. Segundo Paulo Freire, todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. Para o autor, o professor é um ser que deve ter sempre em primeiro plano o compromisso com a verdade, devendo expô-la em suas ações, que ama o inacabado acima de tudo, que tolera e ensina, que sabe-se também inacabado, admite isto e aprende e seu papel ao ensinar algo é
- (A) esforçar-se para que o aluno fixe o que foi explicado.
 - (B) dar muitos exercícios diferentes de sistematização.
 - (C) transferir integralmente o conteúdo para o aluno.
 - (D) preocupar-se com uma avaliação metódica da aprendizagem do aluno.
 - (E) incitar o aluno para a compreensão dos objetos.

23. O Projeto Político-Pedagógico deve se constituir na referência norteadora de todos os âmbitos da ação educativa da escola, é um movimento de luta em prol da democracia da escola. Para Azanha, o projeto pedagógico da escola é uma oportunidade para que algumas coisas aconteçam e, dentre elas,
- (A) a instauração da autoridade do Diretor de Escola, como o responsável pela articulação de todas as atividades no interior da escola.
 - (B) a organização e o funcionamento da escola, a regulamentação das relações entre os seus participantes do ponto de vista administrativo e normativo.
 - (C) a tomada de consciência dos principais problemas da escola, das possibilidades de solução e definição das responsabilidades coletivas e pessoais para eliminar ou atenuar as falhas detectadas.
 - (D) o autoconhecimento por parte do professor, possibilitando que ele ensine com sucesso o aluno real que efetivamente está na sala de aula.
 - (E) a comunicação com a comunidade escolar por meio de relatórios de projetos institucionais, portfólios e outros documentos.
24. Malu, uma professora da educação básica, em uma conversa com seus colegas na sala dos professores, comenta, muito chateada, ter assumido uma sala de aula na qual tem um aluno autista. Uma colega ponderou que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, garante o direito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, direito esse que, dentre outros,
- (A) assegura a todas as crianças o ensino fundamental gratuito em todas as escolas.
 - (B) estabelece o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.
 - (C) estabelece a progressão automática aos alunos matriculados nas escolas que adotam a progressão regular por série.
 - (D) propicia, aos portadores de necessidades especiais, matrícula em escolas específicas dotadas de infraestrutura adequada.
 - (E) determina que a escola deve propiciar aos alunos matriculados no ensino fundamental pelo menos três horas de trabalho efetivo em sala de aula.
25. Pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a educação nacional está organizada em três sistemas de ensino distintos, conforme a dependência político-administrativa. Cada um deles é responsável pela organização e manutenção das instituições de ensino de seu sistema e, também, pela elaboração e execução de políticas e planos educacionais para o sistema correspondente. Nesse sentido, segundo o artigo 211, aos Municípios compete
- (A) formar mão de obra em cursos técnicos de nível médio para as empresas.
 - (B) cuidar da formação dos professores da rede municipal, em cursos de licenciatura.
 - (C) atuar prioritariamente nos ensinos fundamental e médio.
 - (D) atuar prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.
 - (E) oferecer programas de aperfeiçoamento e atualização aos trabalhadores.
26. Carolina, uma professora da Rede Municipal de Poá, no 6.º ano do ensino fundamental, percebeu que um de seus alunos se apresentava com frequência muito retraído. Percebeu também que ele, em determinado dia, estava com muitas marcas nos braços e pernas, o que a fez constatar que o aluno sofria maus-tratos em casa. Segundo o artigo 56 do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal n.º 8.069, de 13.07.90, tal situação implica em
- (A) o dirigente do estabelecimento de ensino comunicar esse fato ao Conselho Tutelar do Município.
 - (B) a professora, como testemunha, registrar boletim de ocorrência em uma Delegacia de Polícia.
 - (C) a coordenadora da escola conversar com a criança para que evite provocar os pais, assim, não levaria outra surra.
 - (D) a professora alertar ao pai de que se tal fato se repetir, a escola irá procurar por um advogado para denunciá-lo à justiça.
 - (E) a escola notificar a mãe da criança para que tome as providências necessárias para proteger o seu filho.
27. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Federal n.º 9.394, de 20.12.96, dispõe sobre todos os aspectos do sistema educacional, dos princípios gerais da educação escolar às finalidades, recursos financeiros, formação e diretrizes para a carreira dos profissionais do setor. Ao tratar das responsabilidades estabelece que
- (A) os sistemas de ensino são os responsáveis pela elaboração da proposta pedagógica das escolas de acordo com suas especificidades.
 - (B) a educação é dever da família, que deve se preocupar com a formação profissional de seus dependentes para sua rápida inserção no mercado de trabalho.
 - (C) os estabelecimentos de ensino devem zelar pela aprendizagem dos alunos, definindo estratégias de recuperação para os educandos.
 - (D) os docentes devem elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.
 - (E) os docentes devem assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas e prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

28. A ampliação da educação obrigatória no Brasil, ocorrida inicialmente com a implantação do ensino fundamental de nove anos, atende às metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação, fazendo com que a criança, entrando mais cedo no sistema de ensino, alcance maior nível de escolaridade. Segundo o documento *Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*, pode-se afirmar que

- (A) o ingresso das crianças no ensino fundamental aos seis anos de idade constitui uma medida meramente administrativa.
- (B) a implantação do ensino fundamental de nove anos garante o processo de alfabetização da criança.
- (C) o ensino neste primeiro ano deve focalizar a alfabetização e o letramento da criança, garantindo uma aprendizagem significativa.
- (D) a adoção de um ensino obrigatório de nove anos, iniciando aos seis anos de idade, não altera a estrutura e tampouco a cultura escolar.
- (E) a criança, iniciando a escolarização mais cedo, tem um tempo mais longo de convívio escolar, com maiores oportunidades de aprendizagem.

29. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, foram instituídas pelo Ministério da Educação com o objetivo de, entre outros, divulgar e produzir conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial. Nesse sentido, o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

- (A) constitui-se em componente curricular específico da educação básica a ser ministrado a partir do 6.º ano.
- (B) deverá ser desenvolvido nas turmas de ensino médio, nas quais existam alunos da raça negra.
- (C) tem por objetivo o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros.
- (D) implica em uma prática transversal, possibilitando um tratamento cada vez mais aprofundado das questões eleitas, por esta razão, o trabalho do professor é pontual.
- (E) configura um aprendizado à parte das áreas, uma vez que abrange um conjunto de conceitos a serem ensinados e aprendidos.

30. O Estatuto do Magistério Público de Poá, Lei n.º 2.688/98, estabelece, em seu artigo 3.º, que a carreira do magistério constitui um conjunto de cargos de provimento do Quadro do Magistério, caracterizados pelo exercício de atividades do Magistério, no ensino fundamental, na educação especial, na educação infantil e nas creches. Estabelece ainda que o ingresso no Quadro do Magistério

- (A) poderá ocorrer por indicação de vereadores do Município.
- (B) será exclusivamente por concurso de provas e títulos.
- (C) será de livre escolha do Diretor da Unidade Escolar.
- (D) deverá ter a aprovação do Prefeito Municipal.
- (E) ocorrerá sempre antes do início do ano letivo.

31. Historiadores do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) haviam fornecido, no decorrer do século XIX, as bases de uma história nacional (...)

(Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Ensino de História: fundamentos e métodos*)

Para a autora do texto, segundo o IHGB, a história nacional deveria ser

- (A) pautada nos ciclos econômicos fundamentais da história pátria: o pau-brasil, o açúcar, a pecuária, a mineração e o café.
- (B) organizada e dividida em função da ação política, com os marcos da descoberta do Brasil, da Independência e do Estado monárquico.
- (C) fundada na concepção de que o Brasil tem suas raízes na ocupação milenar dos povos indígenas e na decisiva presença dos povos africanos.
- (D) estabelecida a partir de uma ideia central: a construção da nação brasileira é tributária direta do primado da fé.
- (E) constituída pela divisão secular, com a análise dirigida para as grandes transformações socioeconômicas ocorridas em cada etapa.

32. (...) assiste-se a uma organização diferente de currículo, criando-se o primeiro grau de oito anos e um segundo grau profissionalizante. Um currículo de caráter científico, mas entendido em sua forma apenas tecnicista, consegue se impor e as áreas humanas passam por um amplo processo de descaracterização e perda de status. A História do Brasil se mescla a estudos de Geografia, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSP), formando um amálgama de conhecimentos superficiais e sem base científica.

(Circe Bittencourt, *Identidade nacional e ensino de História do Brasil* In Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*)

A situação apresentada no fragmento faz parte do contexto

- (A) das primeiras ações governamentais após a Revolução de 1930.
- (B) da promulgação da Constituição de 1934.
- (C) das reformas educacionais realizadas durante o Estado Novo.
- (D) dos anos 1970, em meio ao regime autoritário.
- (E) das reformas curriculares dos anos 1990.

33. Como ninguém é uma enciclopédia, a primeira coisa a fazer ao montarmos um curso é selecionar conteúdos.

(...)

A matéria escolar pode estar relacionada a vários recortes da História. Entre outros, citamos:

1. um acontecimento ou um evento histórico (...),
2. uma instituição social (...),
3. um processo de longa duração (...),
4. uma interação de culturas (...),
5. um tema monográfico (...).

(Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, Por uma história prazerosa e consequente In Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*)

Podem ser apontados corretamente como exemplos de um processo de longa duração e de uma interação de culturas, respectivamente,

- (A) a Revolta dos Malês ocorrida na Bahia; a Revolução Constitucionalista de 1932.
- (B) a criação das escolas profissionais no processo de colonização do Brasil; a formação dos sindicatos operários em São Paulo.
- (C) a Guerra do Contestado; as várias etapas da Revolução Francesa.
- (D) a Guerra Civil espanhola; o processo de elaboração da Carta Constitucional brasileira de 1824.
- (E) o desenvolvimento das primeiras civilizações; o encontro entre europeus e indígenas no contexto da “descoberta” da América.

34. Na exposição factual e linear, que supõe o aluno como receptáculo de ensinamentos, além dos textos expositivos e detalhados, estão presentes exercícios voltados especificamente para o teste da compreensão e fixação de conteúdos.

(Holien Gonçalves Bezerra, Ensino de História: conteúdos e conceitos In Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*)

O autor do texto aponta que a proposta pedagógica apresentada

- (A) não tem preocupação com o desenvolvimento de competências e habilidades.
- (B) garante a percepção de que o grande sujeito da História é o Estado nacional.
- (C) avaliza a importante construção de um passado nacional, regional e local.
- (D) permite uma compressão mais crítica da trama histórica.
- (E) não desenvolve a necessária dimensão do patriotismo entre os alunos.

35. Apenas para exemplificar, em um rápido levantamento quantitativo, em um livro didático para o ensino médio, confeccionado segundo o modelo único para as três séries, verifica-se que dos 42 capítulos apresentados, apenas 12 são efetivamente de conteúdos de História do Brasil. O mesmo pode ser observado em coleção para o ensino fundamental, na qual em um total de 168 capítulos organizados para as quatro séries, existem apenas trinta relativos à História brasileira.

(Circe Bittencourt, Identidade nacional e ensino de História do Brasil In Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*)

A partir do fragmento, é correto afirmar que a autora mostra

- (A) a condição especial dos materiais didáticos contemporâneos, capazes de apresentar toda a história das sociedades humanas.
- (B) o novo papel desempenhado pela História do Brasil, chave para a explicação do nosso desenvolvimento e da América Latina.
- (C) a importância da valorização de práticas de ensino de História voltado para a formação de alunos civicamente críticos e atuantes.
- (D) como os livros didáticos organizados a partir da chamada História Integrada têm oferecido pouco espaço para a História do Brasil.
- (E) que a recente valorização brasileira no cenário internacional influenciou a produção de materiais didáticos mais cuidadosos com os temas nacionais.

36. A revisão da história nacional tem igualmente proporcionado a revalorização da história regional. A constituição da história nacional tem sido realizada de acordo com parâmetros regionais para a compreensão do País como um todo. A historiadora Maria de Lourdes Janotti afirmou, no artigo “Historiografia: uma questão regional?”, que a história nacional tem sido apreendida pelo olhar da região mais hegemônica.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Ensino de História: fundamentos e métodos*)

Pode(m) ser usado/a(s) como um exemplo correto da afirmação da historiadora Maria de Lourdes Janotti

- (A) a detalhada análise acerca da importância da produção de borracha amazônica entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do século seguinte.
- (B) a atenção especial dos materiais didáticos oferecidos pelos estados brasileiros, nos quais a história da vida privada prevalece em relação às análises mais globais.
- (C) os inúmeros estudos sobre as origens e as constituições, nos séculos XVII e XVIII, dos quilombos na capitania de São Paulo e arredores.
- (D) a generalização da passagem da mão de obra escrava para a livre, ocorrida no vale do Paraíba, como uma experiência modelo para todo o Brasil.
- (E) a escolha da história da economia agroexportadora cafeeira e da industrialização em São Paulo como se fosse a própria história nacional.

37. A história local (...) tem sido elaborada por historiadores de diferentes tipos. Políticos ou intelectuais de diversas proveniências têm-se dedicado a escrever histórias locais com objetivos distintos, e tais autores geralmente são criadores de memórias mais do que efetivamente de história. A memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores como para o ensino.

(...)

A memória, entretanto, não pode ser confundida com a história, como advertem vários historiadores.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt,
Ensino de História: fundamentos e métodos)

Circe Bittencourt apresenta distinções entre memória social e história. Entre essas distinções pode ser apontado que a história

- (A) estabelece a verdade sobre os fatos e os eventos.
- (B) constrói um passado harmonioso, diferente do idealismo produzido pela memória.
- (C) confronta as memórias individuais e sociais com outros documentos.
- (D) se contrapõe à memória, que é marcada pelo caráter ficcional.
- (E) trata dos acontecimentos consensuais e não de possibilidades históricas.

38. Inicialmente impressos em papel pardo, medindo cerca de 12 x 18 cm, com 8, 16 ou 32 páginas, contendo ilustrações em xilogravura condizentes com o conteúdo, os folhetos servem de suporte material para a chamada literatura popular em versos, encontrada no Nordeste, brasileiro, também conhecida por literatura de cordel. Este tipo de literatura ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e, especialmente, o histórico.

(Maria Ângela de Faria Grillo, A literatura de cordel na sala de aula
In Martha Abreu e Rachel Soihet (Orgs.).
Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia.)

A autora do artigo propõe uma série de caminhos e sugestões para o estudo da História através da literatura de cordel. Entre essas sugestões, é correto apontar

- (A) a elaboração de atividades lúdicas que reconheçam a literatura de cordel como uma manifestação cultural legítima, mas que também reconheçam a oferta de uma falsa história, dado o seu caráter não científico.
- (B) a montagem de filtros de análise textual, numa atividade essencialmente interdisciplinar, que permita a conclusão de que a literatura de cordel tem como tema central a condenação dos mais importantes líderes do cangaço.
- (C) o exercício de uma análise crítica dos textos de cordel para o reconhecimento da sua condição de portadores de uma moral historicamente atrasada, pois defendem valores como o machismo e o apego ao passado.
- (D) o trabalho relacionado com um tema da História, no qual se estabelecerá uma comparação entre a forma como tal tema foi apresentado na literatura de cordel e como foi apresentado no livro didático.
- (E) a construção de um projeto de leitura da literatura de cordel, em associação ao professor de Língua Portuguesa, com o intuito de mostrar os limites dessa obra, pois não usa a língua formal e reproduz preconceitos de classe.

39. (...) é plausível a articulação dos conteúdos divididos de forma tradicional à inovação representada pela transversalidade. O que deve mudar é a atitude do professor diante dos conteúdos e alunos, identificando o que se busca e como se busca, preservando o papel dos estudantes como sujeitos da aprendizagem.

(José Alves de Freitas Neto, A transversalidade e a renovação no ensino de História In Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*)

Para o autor do artigo, no trabalho com a transversalidade deve existir um cuidado, entre outros, com a

- (A) identificação do esgotamento ou da necessidade de aprofundamento de um tópico, observando mais o ritmo dos alunos do que a rigidez do calendário escolar.
- (B) abordagem das temáticas contemporâneas, que devem ser evitadas, para que a leitura da realidade possa ser realizada com mais isenção.
- (C) opção pelos objetos de análise, realizada pelo professor, sempre considerando que a história linear e factual é mais apropriada para os alunos do ensino fundamental.
- (D) escolha exclusiva de temas da historiografia brasileira, porque são eles que dialogam com a realidade imediata dos estudantes brasileiros.
- (E) garantia de tratar todos os consagrados temas da História, reforçando a clássica divisão entre Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

40. Não é mais possível falar do futuro porque as velhas teorias deterministas, de uma história positiva, uma sucessão linear e progressiva não passavam de uma ilusão. Não é mais possível ver o passado porque, depois da queda do muro, é mais fácil perceber que há muitos pontos de vista convergindo sobre esse passado e narrando-o de formas muito diferentes.

Qual deveria ser, então, o novo modelo para a História? Que perguntas deveríamos fazer ao nosso passado, ao nosso presente e ao nosso futuro? Qual poderá ser a tábua à qual possamos nos agarrar diante desse naufrágio dos vários modelos?

A resposta de Hartog lança uma luz penetrante para reorganizarmos nossa maneira de estudar e de ensinar a História. Diz ele que precisamos nos basear em dois princípios (...)

(Rafael Ruiz, Novas formas de abordar o ensino de História
In Leandro Karnal (org.), *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*)

Um desses princípios é

- (A) trabalhar exaustivamente com o conceito de tempo.
- (B) partir das temáticas gerais para as particulares.
- (C) realizar sempre uma abordagem comparativa.
- (D) recuperar e atualizar os paradigmas positivistas.
- (E) retomar a abordagem da política institucional.

41. (...) tem como princípio o caráter científico do conhecimento histórico, e o enfoque de sua análise é a estrutura e a dinâmica das sociedades humanas. (...) parte das estruturas presentes com a finalidade de orientar a práxis social, e tais estruturas conduzem à percepção de fatores formados no passado cujo conhecimento é útil para a atuação na realidade hodierna. Existe assim uma vinculação epistemológica dialética entre presente e passado. Para o estudo das sociedades humanas, (...) utiliza como conceitos fundamentais modo de produção, formação econômico-social e classes sociais.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt,
Ensino de História: fundamentos e métodos)

O fragmento caracteriza

- (A) o neoliberalismo.
 - (B) o marxismo.
 - (C) a Escola dos Annales.
 - (D) o neopositivismo.
 - (E) a história cultural.
42. Em São Paulo, a Serra do Mar, íngreme e inóspita, explicaria – para muitos historiadores – a pobreza e o isolamento dos produtores paulistas durante o período colonial. Para o carregador índio, no entanto, este obstáculo era vencido a pé, quase diariamente, mesmo com uma carga que beirava os trinta quilos. De acordo com o padre Antonio Vieira, que condenava a exploração desumana imposta aos índios de São Paulo, “nas cáfilas de São Paulo a Santos não só iam carregados como homens mas sobrecarregados com azêmolhas, quase todos nus ou cingidos como um trapo e com um espiga de milho pela ração de cada dia”.

(John Monteiro, O escravo índio, esse desconhecido
In Luís Doniseti Benzi Grupioni (Org.). *Índios no Brasil*)

O autor do artigo afirma que, no contexto do século XVII, outra importante função desempenhada pelo índio foi

- (A) participar do sertanismo, porque a busca de índios para a escravização em locais desconhecidos pelos brancos necessitava do conhecimento indígena do sertão.
- (B) combater os primeiros quilombos que se formaram pelo litoral da capitania de São Vicente, especialmente na região de Ubatuba.
- (C) atuar como um especializado trabalhador rural para a produção de tabaco, a principal produção de São Paulo nos séculos XVII e XVIII.
- (D) manter a segurança das vilas da capitania de São Vicente durante as bandeiras, porque praticamente todos os homens deixavam essas vilas.
- (E) contribuir para a catequização, associados aos padres da Companhia de Jesus, das aldeias que ficavam mais distantes da vila de São Paulo.

43. Nas últimas duas décadas do século XX, ainda na França, para se diferenciar da História Contemporânea já estabelecida e fazer jus à voragem do tempo no século XX, surge o conceito de História do Tempo Presente, voltada para o estudo do período simultâneo e posterior à Segunda Guerra Mundial.

(Marcos Napolitano, Pensando a estranha História
sem fim In Leandro Karnal (org.),
História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas)

Para Marcos Napolitano, a História do Tempo Presente pode ser definida

- (A) pela atenção aos temas desprezados pela História tradicional, como a História da Morte e a História da Mulher.
- (B) pela presença intensa dos protagonistas e da memória como testemunhos vivos e dinâmicos do passado.
- (C) pelo cuidado com a construção de uma narrativa mediada por vozes até então silenciadas, com as das classes populares.
- (D) pelo uso dos novos paradigmas de análise da História, que privilegiam as relações culturais em detrimento às econômicas.
- (E) pelas escolhas de temáticas que tenham relação apenas com as condições de trabalho nos espaços urbanos.

44. É verdade que, tradicionalmente, as histórias da colonização expressam os diferentes pontos de vista da metrópole. Conforme Frantz Fanon já observava, “porque ela é o prolongamento dessa metrópole, a história que o colono escreveu não é a da colônia saqueada, mas a história de sua própria nação”.

Ora, gostaríamos de adotar aqui um método diferente.

(Marc Ferro, *História das colonizações:
das conquistas às independências, séculos XIII a XX*)

Esse método diferente, entre outros aspectos, supõe

- (A) analisar, preferencialmente, os ganhos econômicos obtidos pelos povos orientados pelas potências europeias, especialmente a Grã-Bretanha.
- (B) reconhecer a prudência das nações colonizadoras em oferecer a descolonização apenas nos momentos de estabilidade política.
- (C) distinguir, entre os povos colonizados, aqueles que defenderam a sua libertação colonial daqueles que preferiram permanecer ligado à sua metrópole.
- (D) destacar o papel fundamental cumprido pelas nações colonizadoras de oferecer independências seguras imediatamente após o fim da Segunda Guerra.
- (E) considerar o passado das sociedades colonizadas, porque dele dependeu amplamente a relação entre colonizadores e colonizados.

45. (...) em plena ditadura do Estado Novo (1937-1945), o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei (n.º 5.540/1943), declarando o dia 19 de abril como Dia do Índio. Com isso, a temática indígena, antes quase ausente, foi introduzida no calendário escolar brasileiro. Até hoje, a data é comemorada nas escolas com diversas atividades.

(Pedro Funari e Ana Piñon, *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*)

Segundo os autores citados, essa decisão do governo Vargas foi motivada

- (A) por um movimento muito particular da intelectualidade brasileira, herdeira do modernismo da Semana de 1922, que defendia o resgate das raízes brasileiras, especialmente das sociedades indígenas.
 - (B) pelo importante trabalho realizado pelo Serviço de Proteção aos Índios, que recenseou os povos indígenas dentro do território nacional e encontrou inúmeras nações até então desconhecidas.
 - (C) por um movimento de governos nacionalistas na América, que encontram nos índios uma contrapartida aos heróis usados pelos nacionalistas europeus, como foi o caso dos antigos romanos usados pela Itália fascista.
 - (D) pela pressão dos Estados Unidos, que no contexto de atrair o Brasil e o resto da América do Sul para ingressar nas forças aliadas, exigiu que os direitos dos povos indígenas fossem efetivamente ampliados.
 - (E) pela exigência presente nas determinações da Conferência Pan-Americana de 1938, realizada em Lima, que apontou para o respeito e a proteção para os povos que habitavam a América antes das descobertas.
46. Partindo de uma conferência proferida pelo historiador francês François Hartog, publicada em 1996, poderíamos dizer que houve três modos de entender a História e o papel do historiador. Um deles, o modelo clássico inaugurado por Tucídides e Cícero, predominou com altos e baixos até meados do século XVIII quando a Revolução na França e o Iluminismo na Alemanha exigiram uma nova conceituação.

(Rafael Ruiz, *Novas Formas de abordar o ensino de História. In: Leandro Karnal (org.), História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. Adaptado*)

O modelo clássico a que se refere o texto concebe a História como

- (A) predestinação, ou seja, um destino incompreensível e imutável para os seres humanos.
- (B) imediata, pois atribui importância ao tempo presente, desqualificando o passado e o futuro.
- (C) teleológica, porque os fatos e os processos avançam inexoravelmente até sua causa final.
- (D) mestra da vida, da qual se podem recolher exemplos do passado para guiar nosso futuro.
- (E) mitologia, impossível de ser compreendida e assimilada como um conhecimento verdadeiro.

47. Desde pelo menos o princípio do século XX, as pesquisas acadêmicas têm demonstrado inúmeros traços originais da Europa durante a Idade Média, e tais pesquisas contribuíram decisivamente para reabilitar aquele período aos olhos dos estudiosos. Hoje nenhum erudito defenderia com seriedade velhos chavões como a “idade das trevas”.

(José Rivair Macedo, *Repensando a Idade Média no ensino de História. In: Leandro Karnal (org.),*

História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. Adaptado)

Sobre os traços originais da Europa medieval a que se refere o texto, assinale a alternativa correta.

- (A) Entre os especialistas, os conceitos feudalismo, sociedade e cultura feudal conferem uma lógica ao desenvolvimento histórico de toda a Europa, devido à existência de um sistema feudal em todo o continente, com as mesmas características políticas e socioculturais.
- (B) Os fatos e processos evocados para tratar da realidade europeia medieval devem referir-se aos povos que ocuparam regiões correspondentes a atual França, Inglaterra e Itália, pois a Europa Nórdica e o Leste Europeu não contribuem para este estudo.
- (C) Os Estados europeus medievais, herdeiros das noções greco-romanas de política, direito e cidadania, resgataram modelos e se constituíram como cidades-estado ou como os impérios da Antiguidade clássica.
- (D) A cultura medieval europeia valorizou a inovação e atribuiu papel essencial ao que está por vir, julgando-se mais notável que seus antecessores pelos conhecimentos que possuía e considerando o passado como algo a superar.
- (E) A coexistência etnorreligiosa entre muçulmanos, judeus e cristãos, suas múltiplas influências e intercâmbios culturais, contribuíram para a especificidade da formação medieval dos reinos cristãos na Península Ibérica.

48. Houve duas frentes de combate, muito distantes geograficamente, mas interligadas. Vários pontos da Costa da Mina foram ocupados pelos holandeses em 1637. Uma trégua estabelecida entre Portugal e Holanda foi rompida por Nassau com a ocupação de Luanda e Benguela, em Angola (1641). Foram tropas luso-brasileiras, sob o comando de Salvador Correia de Sá, as responsáveis pela retomada de Angola em 1648. Não por acaso, homens como João Fernandes Vieira e André Vidal Negreiros estiveram à frente da administração portuguesa naquela região africana.

(Boris Fausto, *História do Brasil. Adaptado*)

O conflito a que se refere o texto foi uma decorrência da

- (A) desavença entre Nassau e a Companhia Holandesa das Índias Orientais.
- (B) dominação holandesa sobre a indústria açucareira no Nordeste brasileiro.
- (C) Revolta de Beckman, contra os altos custos da importação de escravos africanos.
- (D) exploração do ouro e da prata encontrados em Angola no início do século XVII.
- (E) guerra promovida por Jinga, rainha de Angola, contra Portugal e Holanda.

49. Quando os portugueses desembarcaram em território oriental da África, perceberam que a região estava tomada por mouros. Mesmo com a resistência dos mercadores muçulmanos e dos chefes locais, os portugueses construíram, em 1505, uma feitoria em Quíloa. A construção de entrepostos nessa região tinha objetivos importantes para os portugueses.

(Regiane Augusto de Mattos, *História e cultura afro-brasileira*. Adaptado)

No século XVI, o objetivo dos portugueses na África oriental era

- (A) dominar a produção de noz-de-cola.
 - (B) doar terras ou “prazos da Coroa”.
 - (C) controlar o comércio de ouro.
 - (D) monopolizar os “panos da Costa”.
 - (E) exportar o tabaco de rolo baiano.
50. Os exilados políticos sul-africanos que voltaram a seu país no início da década de 1990 tinham uma compreensão do que significava lutar diferente de seus “camaradas” jovens que carregavam a mesma bandeira nos aldeamentos africanos. Por outro lado, que poderia a maioria em Soweto, nascida muito depois de Nelson Mandela ter ido para a prisão, fazer dele senão um símbolo ou um ícone?

(Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 - 1991*. Adaptado)

Em 1994, o marco referencial para o fim do *apartheid*, regime de segregação racial na África do Sul, foi a

- (A) vitória eleitoral do Congresso Nacional Africano (CNA).
 - (B) revogação da Lei de Direitos sobre a Terra.
 - (C) reforma constitucional do presidente Pieter Botha.
 - (D) ascensão do Partido Nacional Africano (PNA) ao poder.
 - (E) reconhecimento internacional da União Sul-Africana.
51. Houve uma grande renovação no âmbito da educação fundamental e média no Brasil, a começar pelos Parâmetros Curriculares Nacionais instituídos na segunda metade da década de 1990. Essas orientações tiveram resultado efetivo tanto na produção de material didático, como na sala de aula. Hoje, os livros didáticos são os que mais tratam dos temas indígenas na escola, ainda que estes apareçam também em obras de Geografia.

(Pedro Paulo Funari, Ana Piñon, *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. Adaptado)

Sobre a temática indígena a que o texto faz referência, os livros didáticos atuais e renovados passaram a destacar a

- (A) tarefa valiosa dos jesuítas responsáveis por catequizar e salvar a alma dos indígenas.
- (B) unidade do território brasileiro conquistada pela bravura dos bandeirantes frente aos indígenas.
- (C) antiguidade da ocupação do continente americano pelos indígenas anterior aos portugueses.
- (D) presença dos indígenas restrita às florestas selvagens do período colonial brasileiro.
- (E) aculturação necessária dos indígenas e seu desaparecimento como grupo humano distinto.

52. Como podemos narrar e interpretar a história indígena? Isso depende do ponto de vista que adotamos e do nosso objetivo.

O modelo interpretativo mais difundido visa entender, a partir de um número limitado de variantes, os grandes momentos dessa trajetória. Essas variantes são o domínio técnico do mundo material (tecnologia) e a consequente configuração das relações de poder na sociedade, referente ao grau de estratificação social existente.

(Pedro Paulo Funari, Ana Piñon, *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*.)

O modelo interpretativo a que se refere o fragmento deriva

- (A) da transculturação.
- (B) do fundamentalismo.
- (C) do evolucionismo.
- (D) da desnaturalização.
- (E) do culturalismo.

53. A análise que o historiador Adolpho Varnhagen fez de uma das primeiras obras didáticas de história do Brasil, *Compêndio da história do Brasil*, do general Abreu de Lima, publicada em 1843, expressa esse processo de consolidação de uma identidade com o mundo e com o povo europeu. Uma das críticas de Varnhagen ao *Compêndio* refere-se ao fato de o autor referir-se às populações indígenas como brasileiros.

(Circe Maria F. Bittencourt, *Identidades e ensino da história no Brasil*. In: Mário Carretero; Alberto Rosa e Maria Fernanda Gonzáles (orgs.), *Ensino da história e memória coletiva*. Adaptado)

Quanto à crítica feita ao *Compêndio da história do Brasil* mencionada no texto, é correto afirmar que Varnhagen

- (A) valorizava a especificidade e a pluralidade da cultura indígena.
- (B) enaltecia a origem indígena anterior à formação do Estado nacional.
- (C) refutava a concepção homogênea da identidade nacional.
- (D) apoiava o Romantismo e o indígena como o símbolo nacional típico.
- (E) evitava admitir a condição de mestiçagem da população nacional.

54. Durante muito tempo acreditou-se que o escravo, sobretudo o africano, era promíscuo, dado com facilidade ao intercuro sexual, tendo vários parceiros, sendo, por isso, impossível a formação de laços matrimoniais entre eles. Costumava-se dizer que esta ideia estava vinculada à própria personalidade do negro, ao caráter “inferior” dessa raça. Mas, na realidade, existiam muitas dificuldades para que essa camada social contraísse o matrimônio. Contudo, apesar de o sistema escravista ter proporcionado aos escravos uma situação precária de sobrevivência, eles conseguiram constituir suas próprias famílias.

(Regiane Augusto de Mattos, *História e cultura afro-brasileira*. Adaptado)

Sobre os casamentos dos escravos africanos a que se refere o fragmento, é correto afirmar que

- (A) o padrão das uniões era exogâmico, isto é, sempre entre grupos e nações africanas distintas.
- (B) a escolha dos cônjuges era facilitada entre aqueles que tinham diferentes proprietários.
- (C) as relações conjugais eram maiores e mais duradouras entre africanos e crioulos.
- (D) libertos uniam-se a escravas, ou o contrário, o que possibilitava ajuda na compra da alforria.
- (E) as chances eram maiores em propriedades com um número pequeno ou médio de escravos.

55. A sina das negras agravou-se ainda mais que a dos escravos homens. De modo que a escravidão, longe de nivelar o destino de homens e mulheres, acarretou, ao contrário, um rebaixamento suplementar da mulher na casa-grande, e pouco depois na senzala, pois ela já não desfrutava, numa sociedade negra destrocada ou pulverizada, das proteções e dos privilégios de que outrora se beneficiava a africana.

(Marc Ferro, *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. Adaptado)

Sobre o rebaixamento suplementar das escravas negras em relação aos escravos homens mencionado no texto, é correto afirmar que as escravas

- (A) apareciam com menos frequência nos testamentos como herdeiras dos bens do proprietário.
- (B) foram sendo afastadas dos trabalhos especializados e do conhecimento das técnicas.
- (C) recebiam em menor número a alforria decorrente das vontades póstumas do proprietário.
- (D) eram rigidamente vigiadas, pois sua substituição em caso de fuga custaria mais ao proprietário.
- (E) tinham um valor mais alto no mercado, portanto, sua carta de alforria era mais onerosa.

56. A produção de café teve início no final do século XVIII no Rio de Janeiro. No século XIX, cresceu vertiginosamente em São Paulo, especialmente em Jacareí, Taubaté, Areias, Bananal, Guaratinguetá - cidades que formam o chamado Vale do Paraíba.

Depois de 1830, as lavouras de café expandiram-se para a região do Oeste Paulista. Campinas, Porto Feliz, Piracicaba, Sorocaba, Jundiaí e Itu tornaram-se polos produtores e exportadores desse produto.

(Regiane Augusto de Mattos, *História e cultura afro-brasileira*. Adaptado)

Quanto às semelhanças existentes entre as duas regiões cafe-eiras paulistas, é correto afirmar que

- (A) mantiveram instrumentos tradicionais de trabalho sem alterações técnicas.
- (B) nas duas últimas décadas do Império continuavam prósperas e em expansão.
- (C) tinham limites geográficos que impossibilitavam a incorporação de novas áreas.
- (D) praticaram a agricultura extensiva e utilizaram a mão de obra escrava.
- (E) eram favorecidas pelo clima e pela terra roxa, solo de alta produtividade.

57. Após meses de debates, a Constituinte promulgou a Constituição. Três títulos inexistentes nas Constituições brasileiras anteriores tratavam da ordem econômica e social; da família, educação e cultura; e da segurança nacional. O primeiro deles tinha intenções nacionalistas na parte referente à economia. Previa a nacionalização progressiva das minas, jazidas minerais e quedas d'água, julgadas básicas ou essenciais à defesa econômica ou militar do país. Os dispositivos de caráter social asseguravam a pluralidade e a autonomia dos sindicatos, dispondo também sobre a legislação trabalhista. No título referente a família, educação e cultura, a Constituição estabelecia o princípio do ensino primário gratuito e de frequência obrigatória. O ensino religioso seria de frequência facultativa nas escolas públicas.

(Boris Fausto, *História do Brasil*. Adaptado)

O texto refere-se à Constituição de

- (A) 1891.
- (B) 1934.
- (C) 1937.
- (D) 1946.
- (E) 1967.

58. É simplista a tese segundo a qual a Revolução de 1930 significou a tomada direta do poder por esta ou aquela classe social. Os vitoriosos de 1930 compunham um quadro heterogêneo, tanto do ponto de vista social como político. A heterogeneidade dos grupos revolucionários nada tinha de excepcional, sendo mesmo fato comum na maioria das revoluções.

(Boris Fausto, *História do Brasil*. Adaptado)

Apesar das perspectivas diversas, é correto afirmar que os grupos revolucionários mencionados no texto se uniram

- (A) para promover uma troca no poder com grandes transformações e rupturas.
- (B) a fim de apoiar incondicionalmente os “tenentes civis” do movimento tenentista.
- (C) por oposição ao mesmo adversário, isto é, a tradicional oligarquia no poder.
- (D) em torno do programa revolucionário elaborado pela burguesia industrial.
- (E) para adotar os princípios do Estado liberal que asseguraria seu predomínio.

59. As Forças Armadas tomaram o poder no Brasil em 1964. As tentativas de guerrilha de fins da década 1960, que proporcionaram uma desculpa para a implacável repressão do regime, jamais representaram um verdadeiro desafio a ele; mas deve-se dizer que após o início da década de 1970 o regime começou a relaxar e devolveu o país a um governo civil em 1985.

(Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 - 1991*. Adaptado)

Quanto à guerrilha a que se refere o texto, é correto afirmar que

- (A) uma das razões para o declínio das atividades dos grupos armados urbanos foi o fato de que estes se isolaram da massa da população não conseguindo atraí-la para suas ações.
- (B) os militares linha-dura promoveram a liberalização do regime de forma tranquila, lenta, gradual e segura, o que desarticulou todas as atividades oposicionistas.
- (C) o exército, após transformar a região do Araguaia em zona de segurança nacional, sufocou o movimento guerrilheiro lá existente e promoveu uma ampla divulgação pública do fato.
- (D) suas reivindicações foram atendidas pelo governo militar, que se aproveitou do crescimento econômico gerado pelo “milagre brasileiro” e fez altos investimentos nos programas sociais.
- (E) o governo militar reprimiu as direções sindicais e desmantelou os sindicatos, o que impediu o engajamento dos trabalhadores nas ações que combatiam o regime.

60. O Brasil tornou-se um símbolo de desperdício do capitalismo e da seriedade da Depressão (1929), pois seus cafeicultores tentaram em desespero impedir o colapso dos preços queimando o café. Apesar disso, a Grande Depressão foi muito mais tolerável para os brasileiros que os cataclismos econômicos da década de 1980.

(Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 - 1991*. Adaptado)

Na década de 1980, a difícil situação do Brasil a que se refere o texto é decorrente da

- (A) redução das tarifas de importação e da abertura do Brasil ao mercado externo.
- (B) revitalização da máquina do Estado e a redefinição de seu papel.
- (C) integração sul-americana através do Mercosul (Mercado Comum do Sul).
- (D) privatização de empresas que representavam um ônus para o Estado.
- (E) sequência de planos econômicos que pretendiam controlar a inflação.

